

2012/07/27

O TERRORISMO JIHADISTA NA EUROPA: ALGUMAS TENDÊNCIAS SOBRE RADICALIZAÇÃO E RECRUTAMENTO[1]

Francisco Jorge Gonçalves[2]

«Todos os que se radicalizam não são terroristas, todavia todos os terroristas passaram por um processo de radicalização»

Magnus Ranstorp et al, Understanding Violent Radicalization. Terrorist and Jihadist Movements in Europe

1. Introdução

Nos atentados terroristas jihadistas do 11 de setembro, os membros da célula de Hamburgo foram recrutados pela Al-Qaeda. Diferentemente, os atentados de Madrid, Londres (entre outros), foram executados por cidadãos residentes naqueles países que se radicalizaram e constituíram células – sem ligação a um grupo exterior.

Face a este cenário, a comunidade académica (e não só) tem procurado explicar tal tipo de comportamento, e o presente artigo visa analisar o processo de radicalização no extremismo islâmico, procurando extrair algumas explicações para um melhor combate deste fenómeno, com o escopo de fortalecer as comunidades muçulmanas tornando-as resistentes à ideologia do islamismo.

Finalmente, Portugal pode ser apontado como exemplo de uma comunidade muçulmana moderada e na existência de um efetivo diálogo inter-religioso. Em qualquer dos casos, Portugal não é um local impenetrável para o terrorismo jihadista porquanto em 2004, suspeita-se que três membros da célula Hofstad vieram a Portugal com o objetivo de matar Durão Barroso e a célula de Barcelona (desmantelada em 2008), planeava atentados em Portugal.

2. O Processo de Radicalização no Extremismo Islâmico: Análise de Três Modelos Conceptuais

Na realidade, a radicalização, enquanto processo, não é por definição específico a um cidadão particular, a um grupo ideológico, étnico, religioso ou político: em qualquer dos casos, o presente trabalho está circunscrito ao radicalismo islâmico. De resto, Sedwick (2010, 479 a 494) assinala que o conceito de «radicalização» não é um termo absoluto, possuindo diferentes conteúdos, confundindo-se com conceitos similares (v.g. ativismo), assim como é variável consoante os contextos que possuem agendas diferentes, resultando daí diferentes aceções do termo radical.

Por outro lado, o próprio conceito do processo de radicalização entronca nas mesmas dificuldades metodológicas, porquanto a maioria dos académicos concorda que não existe uma única explicação que descreva o processo de radicalização,[3] existindo uma ampla variedade de modelos conceptuais, baseados em diferentes amostragens. Todavia, apesar desta diversidade, existem alguns fatores que se repetem (mesmo que a nomenclatura utilizada seja diferente) e, como tal, merecem ser identificados – e agrupados.

De igual forma, o presente trabalho procede a escolhas – e traça fronteiras – sustentando a importância das ameaças não violentas da ideologia do islamismo,[4] e a sua conexão com o processo de radicalização, na esteira dos Serviços de Informações da Holanda (AIVD, 2004). Finalmente, os modelos conceptuais escolhidos não pretendem explicar o fenómeno do terrorismo jihadista em geral, nem o funcionamento de células terroristas[5]: apenas as etapas que levam à decisão de um indivíduo aderir a uma célula terrorista jihadista – ou atuar como um lobo solitário, ou mesmo aderir a um grupo islamita que não utilize a violência.

Feita esta recensão, pretende-se analisar três modelos conceptuais explicativos do processo de radicalização, Wictorowicz, Silber/Bhatt e de Sageman. De registar ainda que, o modelo conceptual de Wictorowicz, tem como base uma amostra composta por indivíduos que aderiram ao al-muiharidoun[6]. grupo islamita «não violento». ao passo



uma amostra composta por indivíduos que vivem em um regime autoritário, grupo religioso mais recente, ao passo que as amostras nos restantes modelos conceptuais (Silber/Bhatt[7] Sageman[8]) descrevem as etapas de indivíduos que aceitaram o recurso à violência – que se denomina jihadização.

No que tange ao modelo conceptual proposto por Wictorowicz (2005), aquele é composto por quatro etapas: abertura cognitiva; busca religiosa; alinhamento da identidade e socialização. A primeira etapa é o resultado de uma crise pessoal (v.g. perda de um familiar; emprego, ou até uma discussão com um membro de um grupo islamita) que torna o indivíduo receptivo a ideias que não seriam equacionadas se a crise não tivesse ocorrido. Na segunda etapa, a receptividade do indivíduo começa a ser direcionada para a religião, mormente para as ideias transmitidas por um grupo islamita. Na terceira etapa, a sua identidade é redefinida de acordo com uma «identidade islâmica», incompatível com os valores das democracias liberais, ao passo que na última etapa, o indivíduo junta-se a um grupo – abraçando a respetiva ideologia.

Relativamente ao modelo conceptual de Silber/Bhatt (2007) aquele é composto por quatro etapas: pré-Radicalização; auto-identificação; doutrinação e jihadização. No que diz respeito à primeira etapa (não representa propriamente o início do processo de radicalização) pretende sustentar que apesar de não existir um perfil típico do indivíduo radicalizado, existem traços comuns que podem ser identificados (v.g. jovens muçulmanos, pertencentes a uma classe média). Verdadeiramente, é a 2.ª etapa que representa o início do processo de radicalização para os indivíduos com as características apontadas na primeira etapa, no qual o indivíduo se inclina para a religião islâmica em decurso de uma crise de identidade. Na terceira etapa, o indivíduo aceita a visão binária do mundo defendido pelos jihadistas (fieis e infieis), no qual a sua religiosidade é direcionada cada vez mais em termos políticos. Finalmente, na última etapa, o indivíduo adere a um grupo aceitando a violência como meio político legítimo.

Diferentemente dos modelos conceptuais anteriores, em que o indivíduo passa progressivamente por etapas pela ordem descrita, o modelo de Sageman é linear: não é relevante a ordem das etapas do processo de radicalização e que são as seguintes: revolta moral; guerra contra o islão; conexão com experiência pessoal e mobilização através de redes.

Na primeira etapa, surge um sentimento de revolta moral contra uma situação, ou um evento que é percebido como injusto (v.g. invasão do Iraque) e que importa corrigir. Na 2.ª etapa adquire-se a percepção de que o islão está sob ameaça – e que é necessário defendê-lo. Por seu lado, na 3.ª etapa, verifica-se uma situação pessoal (v.g. morte de um familiar, perda de emprego) que faça o indivíduo perceber que a revolta moral e o ataque ao Islão adquirem significado e que o próprio é vítima desse expediente. Finalmente, a última etapa corresponde à junção a um grupo terrorista jihadista (ou à criação de uma célula autónoma), na qual a internet adquire uma especial relevância, na tomada desta decisão.

Confrontando estes modelos, podemos identificar algumas tendências no perfil dos indivíduos radicalizados: situam-se numa faixa etária entre os 20 aos 35 anos, pertencem à segunda e terceira gerações de muçulmanos, e a uma classe média – e não provinham de meios religiosos. De facto, tendencialmente, tornaram-se religiosos no Ocidente, numa fase adulta e no decurso de um processo de radicalização.[9]

De igual forma, apesar dos diferentes métodos e das diferentes etapas descritas, é perceptível a existência de denominadores comuns a estes modelos conceptuais: em primeiro lugar, a percepção de que o Islão está a ser atacado, que funciona como uma alavanca para a adoção de uma «identidade islâmica» considerada incompatível com as democracias liberais; Além disso, é também abraçada a ideologia do islamismo, que resulta de uma distorção da religião islâmica.

Perante este contexto, nomeadamente a dificuldade de distinguir onde começa uma etapa e termina outra, alguns autores (Nawaz, 2010) preferem utilizar a expressão «narrativa jihadista». Esta definição abarca, simultaneamente, duas situações: a existência de uma queixa (seja uma crise de identidade, a percepção de que o islão está a ser atacado, uma injustiça que necessita ser combatida) que tornam os indivíduos receptivos a ideias extremistas; a adoção de uma ideologia extremista (islamismo) que se relaciona com a queixa e vai fornecer a argumentação para o que deve ser feito. Consequentemente, a religião islâmica passa a ser um fator essencial para combater o fenómeno da radicalização no extremismo islâmico.

3. Novas Dinâmicas do Terrorismo Jihadista: o Sistema de Consciência, o Sistema de Auto-Recrutamento e o Sistema Híbrido

Ora, é perceptível que os diversos indivíduos queiram juntar-se a um grupo terrorista jihadista, embora não saibam como proceder. A partir desta constatação surgem duas novas realidades: o sistema de consciência e o sistema de auto-recrutamento.[10]

Na primeira situação, o conscrito individual ou em grupo vai à procura dos recrutadores, manifestando a sua vontade em participar na jihad e oferecendo os seus préstimos, colocando anúncios na Internet (v.g. pretendendo combater no Iraque). Isto significa que no sistema de consciência, apesar de não envolver o recrutamento no sentido tradicional, é patente a existência de duas partes: o recrutado e o recrutador, sendo que é o recrutado que toma a iniciativa ao oferecer os seus serviços.

Por outro lado, no sistema de consciência, o conscrito (ou conscritos) está dependente do contato de um recrutador externo, que avaliará e decidirá o *timing* adequado para a entrada numa organização terrorista jihadista. Por outro

externo, que avaliará e decidirá o *training* adequado para a célula numa organização terrorista jihadista. Por outro lado, o recrutador externo avaliará se o novo recruta (ou recruta) necessita de um treino específico – antes de entrar na fase operacional.

Diferentemente, no sistema de auto-recrutamento, um indivíduo singular (lobo solitário) ou em grupo, decide abarcar a Jihad por sua própria iniciativa – criando uma célula terrorista. Para tanto, para realçar a importância do auto-recrutamento, convém trazer a terreiro que, atento os relatórios da Europol (2009, 19, 2010, 21) referentes aos anos de 2008 e 2009, cerca de 2/3 dos indivíduos detidos no espaço europeu por suspeita de envolvimento no terrorismo jihadista, não estão ligados a organizações terroristas conhecidas. Ademais, esta tendência aumentou exponencialmente – atento o relatório da Europol referente ao ano de 2010, embora em 2011, se tenha verificado um decréscimo.[11] Diga-se de passagem que, apesar da maioria dos governos europeus colocarem o terrorismo jihadista como a maior ameaça à sua segurança interna, o «terrorismo separatista»[12] é o mais significativo em termos de ocorrências.

Além disso, Vidino (2011, 12 a 15) com base numa amostra[13] por si elaborada no que concerne a células desmanteladas e de lobos solitários – igualmente constatou que a esmagadora maioria não estava ligada a grupos terroristas jihadistas conhecidos.

Realmente, sobre este fenómeno do auto-recrutamento, importa trazer à liça dois exemplos que ocorreram na internet e em estabelecimentos prisionais: relativamente à primeira situação, saliente-se o caso de Younis Tsouli, cidadão britânico de 22 anos, que sob o *nickname* de «Irhabi (Terrorist) 007», passou de uma posição de obscuridade à liderança e participação de fóruns on-line extremistas, tendo sido condenado a 16 anos de prisão em dezembro de 2007.[14]

Da mesma forma, Kevin James (afro-americano) converteu-se ao islão aquando do cumprimento da sua pena no estabelecimento prisional de Folsom (Califórnia) – e criou uma célula terrorista jihadista denominada Jam'iyat Ul-Islam Is-Saheeh (JIS). Naquele estabelecimento prisional recrutou um recluso (Levar Washington), tendo prosseguido o processo de recrutamento após a sua libertação. Foram detidos em 2005 ainda antes de serem executados os atos terroristas que pretendiam efetuar (v.g. centro de recrutamento militar, assim como interesses israelitas em Los Angeles), e já tinham realizado diversos assaltos a bombas de gasolina – com o fito de financiar estas operações. [15]

Por último, importa assinalar uma outra dinâmica que está a surgir e que resulta de uma mistura entre o sistema de conscrição e o sistema de auto-recrutamento: indivíduos que se oferecem para serem treinados e recrutados por células terroristas na fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão, mas quando regressam formam uma célula jihadista autónoma, sem obedecerem aos líderes que os treinaram.

Esta é uma tendência mais perigosa, porquanto estes indivíduos possuem experiência operacional (Aivd, 2011, 8 e 9) sendo exemplificativas as detenções que ocorreram em 29 de dezembro de 2010 (na Dinamarca e na Suécia) de uma célula composta por cinco indivíduos que pretendiam atacar as instalações do jornal dinamarquês Jyllands posten.

4. A Adoção da Fórmula «Islamita contra Islamita» como «Reforço» da «Narrativa Jihadista»

Já se tinha referido a dificuldade de avaliar as intenções de grupos islamitas não violentos e um dos modelos (Wiktorowicz) do processo de radicalização aborda tal problemática, sendo que os islamitas não violentos também colocam ameaças às democracias. Na verdade, diversos decisores políticos e analistas qualificam os islamitas não violentos como moderados e pugnam pela sua utilização contra os islamitas violentos acreditando que somente aqueles podem impedir o recurso à violência, pois apenas aqueles grupos têm a credibilidade para contrabalançar a «narrativa jihadista» e influenciar os jovens muçulmanos.

Esta era a estratégia utilizada por decisores políticos na Grã-Bretanha, centrada exclusivamente nas questões de segurança e a curto prazo – concedendo uma amplíssima liberdade de ação e de expressão a islamitas radicais, desde que aqueles não fizessem a apologia da violência na Grã-Bretanha. Segundo esta lógica, era sustentado que os imãs radicais seriam os últimos a que um indivíduo recorreria se quisesse perpetrar atentados (v.g. solicitando a bênção religiosa) pelo que, seria a linha de fronteira entre terrorismo e não violência – fundamental em termos de segurança.

Neste contexto, indivíduos como Omar Bakri e Anjem Choudary eram elogiados apenas pelo fato de sustentarem a não utilização da violência na Grã-Bretanha devido a uma «convenção de segurança»:[16] em troca da sua segurança e das suas vidas, não lhes era permitido atacar as vidas e os bens dos não-muçulmanos que vivem naqueles países.[17]

Todavia, ambos apoiaram os ataques do 11 de setembro de 2001 – bem como elogiaram os ataques terroristas jihadistas noutras partes do globo. Ademais, foram igualmente permitidos os discursos inflamados de imãs radicais e a apologia da ideologia do islamismo pois eram considerados inócuos, mesmo que rejeitassem valores como a igualdade entre homem e mulher, o primado da lei civil, a igualdade entre muçulmanos e não-muçulmanos – não retirando ilações do fato do islamismo como ideologia gerar uma série de «(...) alienados e radicalizados» (Baran, 2010, 6).

Esta complacência começou gradualmente a mudar após os atentados de Londres, onde os discursos inflamados de imãs e a apologia da ideologia do islamismo foram alvo de um maior escrutínio. Igualmente se verificou que alguns destes grupos islamitas que advogavam a «não violência» funcionam não como uma barreira contra o terrorismo jihadista, mas como uma incubadora para ideias radicais, levando inclusive a uma maior radicalização e aceitação da violência, como meio político legítimo.

Desta forma, começaram-se a questionar quantos indivíduos se radicalizaram em grupos islamitas não violentos e depois abraçaram a violência. Nessa medida, os percursos de indivíduos como Zacarias Mousasaoui, Richard Reid, Djamel Beghal, José Padilla, Richard Reid, John Walker Lindhl (entre muitos outros), são elucidativos que os processos de radicalização se iniciaram em grupos islamitas não violentos. Aliás, as amostras de Silver/Bath e de Marc Sageman, são reveladoras de que diversos indivíduos iniciaram o seu processo de radicalização em grupos não violentos e, depois, insatisfeitos, procuraram grupos islamitas violentos (ou constituíram células jihadistas). No fundo, estes exemplos são esclarecedores de que a fórmula «islamita contra islamita» estava incorreta e apenas reforçava a «narrativa jihadista».

O caso recente do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem em recusar a extradição de Abu Qatada da Grã-Bretanha (onde estava detido, sem acusação há seis anos) para a Jordânia, por entender que aquele país não garantiria um julgamento justo, veio trazer a lume a anterior política praticada pela Grã-Bretanha, que tinha como estratégia usar os imãs radicais como aliados na guerra contra a violência.

Esta opção da extradição, em detrimento do seu julgamento, visa «camuflar» o envolvimento dos Serviços de Informações da Grã-Bretanha (MI5) assim como de órgãos de polícia criminal britânicos, que se tinham aliado ao próprio, julgando que aquele teria um papel fundamental para evitar a violência. É importante trazer à liça o ocorrido durante o julgamento de Abu Hamza[18] durante o qual o respectivo advogado alegou que a polícia de West Midlands deixou que este imã radical se expressasse. Afinal, a fronteira estava definida: não incitamento ao uso da violência na Grã-Bretanha – o que causou incómodo ao governo britânico, que não pretendia a repetição de um caso semelhante (Quilliam, 2012).

A Religião Islâmica como Instrumento de Contra-radicalização/Desradicalização da «Narrativa Jihadista»

O comportamento humano é (e será sempre) imprevisível, pelo que o processo de radicalização no extremismo islâmico não é diferente, podendo ser controlado – mas nunca inteiramente resolvido. De facto, Vidino (2010,11) assinala que: «A inexistência de uma teoria global que explique o fenómeno, reflete não o falhanço dos académicos, mas a natureza multifacetada do fenómeno».

De resto, os diferentes estádios dos modelos de radicalização são bastante difíceis de testar empiricamente, porquanto um dos desafios consiste em verificar se um indivíduo passa por todas as etapas – o que geralmente apenas é possível confirmar à posteriori. Porém, apesar disto, isso não significa que alguma das etapas não possam ser analisadas como sucede com a «narrativa jihadista».

No que concerne ao combate à ideologia do islamismo, que suporta a «narrativa jihadista», é necessário acautelar dois tipos de situações: evitar que os indivíduos se radicalizem (contra-radicalização) e, por outro lado, combater os indivíduos já radicalizados (desradicalização). Para esse efeito, é fundamental encetar políticas de contra-radicalização que tornem as diversas comunidades islâmicas resistentes ao extremismo islâmico, assim como é imprescindível criar (e manter) programas de desradicalização a serem frequentados por indivíduos radicalizados.

No que tange à contra-radicalização importa salientar o papel fundamental desempenhado pela Quilliam Foundation, que foi fundada por Ed Husain e Maajid Nawaz (antigos islamitas que pertenceram ao Hizb ut Tahrir)[19] e que criaram este Think Thank dedicado ao combate ao extremismo islâmico. Os membros da Quilliam Foundation têm-se deslocado a universidades britânicas e foram recebidos por decisores políticos da Grã-Bretanha e EUA, bem como no seu sítio da internet[20] estão disponíveis importantes documentos destinados ao combate ao extremismo islâmico. Além disso, também participam em eventos para confrontar e desmistificar as ideias defendidas por islamitas radicais – e com sucesso devidamente assinalável. No fundo, este Think Thank combate o extremismo e dirige-se às comunidades muçulmanas, não apenas apelando à sua fé, mas também promovendo pluralismo e valores seculares – e combatendo a «narrativa jihadista».

Relativamente a programas de desradicalização, acima de tudo é necessária ambição, porquanto os esforços não se devem circunscrever apenas a abandonar as ideias de violência, mas também promover valores universais de igualdade, liberdade religiosa e respeito mútuo – pilares de qualquer democracia. Por isso, a AIVD (2011, 14) procede à distinção entre desradicalização e «afastamento», porquanto nesta situação, apesar do indivíduo abandonar a violência – não repudia a ideologia do islamismo. Na verdade, à primeira vista, o programa de desradicalização efetuado pela Arábia Saudita[21] parece obter resultados bastante positivos, porquanto bastantes indivíduos abandonam a violência – sendo muito elogiado por alguns decisores políticos ocidentais. Contudo, aquele programa (onde é ministrada a versão wahhabita) sustenta que o Estado também é vítima do terrorismo, colocando ênfase na legitimidade e obediência ao monarca saudita não havendo a preocupação de ministrar os princípios fundamentais de qualquer Estado democrático (Boucek, 2008, 3).

Perante esta complexidade, autores como Ranstorp (2010, 45) advogam que a União Europeia, antes de criar

legislação que meramente reage ao desenrolar dos acontecimentos, precisa compreender o fenómeno da radicalização e do recrutamento, sendo necessária previamente a produção da respetiva doutrina – incluindo a criação de um livro branco.

Acima de tudo, os decisores políticos têm de ser mais exigentes no que concerne ao conceito de moderado. Efetivamente, um moderado, na verdadeira acepção da palavra, não insiste numa única interpretação do Islão e na ideia de que apenas Deus sabe a verdade. Além disso, a Xária[22] é apenas relevante na sua esfera privada (não podendo ser imposta a terceiros) aceitando, integralmente e sem reservas, as convenções internacionais sobre os direitos humanos (Baran, 2011, 184).

Finalmente, como assinala Baran (2011, 20): «não há islamismo sem o Islão, mas o islamismo não é sinónimo de Islão», o que significa que a religião é uma resposta à radicalização. Verdadeiramente, apenas uma boa teologia pode contrabalançar uma má teologia – e diferenciar os moderados dos extremistas – sendo peça fundamental no combate à «narrativa jihadista».

O Papel de Portugal no Fortalecimento do Islão Moderado

Na realidade, existem cerca de 40 mil crentes islâmicos em Portugal sendo um espaço no qual as diferentes religiões monoteístas dialogam num clima de respeito mútuo, onde o diálogo inter-religioso é uma realidade e praticado bem antes do 11 de setembro de 2001 – ao contrário do que sucedeu noutros países ocidentais.

Presentemente, a Comunidade Islâmica residente em Portugal é proveniente das antigas províncias ultramarinas, estando bem integrada na comunidade portuguesa e nem partilha de manifestações radicais acerca de temas controversos. A título de exemplo, o livro «Os Versículos Satânicos» de Salmon Rusdie não foi alvo de qualquer tipo de manifestação pública ou desagrado digno de registo. De resto, nem tão pouco foram realizadas manifestações promovidas por crentes islâmicos a favor da implementação de algum tipo de Estado Islâmico ou da Xária.

Subjacente à realidade acabada de traçar, atente-se à moderação da Comunidade Islâmica de Lisboa, visível no seu sítio da internet,[23] onde são abordadas questões para explicar e compatibilizar o Islão com a democracia, bem como outras questões (v.g. melhor contributo da mulher no Islão). Note-se que, ao contrário do que sucede noutros países europeus, em Portugal não se conhecem (ainda) mesquitas que defendam e distribuam literatura radical. [24]

Contudo, a comunidade islâmica está a aumentar fruto de novos crentes provenientes da Índia, Paquistão e Bangladesh, e estão a surgir novos locais de culto clandestinos – onde se suspeita que se defendem visões extremistas do islão.

Por outro lado, não se deverá concluir que a ameaça terrorista externa é muito reduzida atendendo ao facto do assassinato de Isam Sartawi ou do ataque à embaixada Turca – se reportarem ao longínquo ano de 1983.[25] Tocantemente à ameaça jihadista, aquando da inauguração do EURO 2004 (cuja cerimónia se realizou no Porto), suspeita-se que três membros da célula Hofstad (Nesser, 2005, 19) vieram a Portugal para assassinar Durão Barroso: por isso, a cerimónia começou meia hora atrasada. Assinale-se ainda que, em janeiro de 2008, foi desmantelada em Espanha a denominada Célula de Barcelona que planeava atentados no metro daquela cidade e em vários países (incluindo Portugal), sendo que um dos elementos entrou através de Portugal integrado no movimento Tablighi Jaamat:[26] grupo islamita não violento. Contudo, ainda não tinham atingido a fase operacional e entretanto já foram condenados a penas entre 8 a 14 anos.[27]

Deste modo, devido ao seu contexto da sua comunidade islâmica, Portugal está em condições de poder desempenhar um papel preponderante no combate à «narrativa jihadista». Tal tipo de concretização, incidirá na realização de conferências e debates que noutros lugares não se podem fazer, ou pelo menos sem existir turbulência, sendo este um bem imaterial que Portugal dispõe – e dele deve fazer o seu respetivo uso.

Notas conclusivas:

O presente artigo analisou três modelos conceptuais que explicam o fenómeno do processo de radicalização no extremismo islâmico e, apesar das diferenças, a «narrativa jihadista» é um fator presente em todos.

Tendencialmente, nas diversas amostras que suportam os modelos conceptuais analisados, verifica-se que o perfil típico do indivíduo radicalizado insere-se na faixa etária dos 20 aos 35 anos, pertence a uma classe média, e não proveem de ambientes religiosos.

O recrutamento para o terrorismo jihadista caracteriza-se, tendencialmente, para o sistema do auto-recrutamento: indivíduos radicalizados criam uma célula jihadista, sem ligação a qualquer outro grupo terrorista.

A estratégia da utilização de islamitas não violentos contra islamitas violentos, tem efeitos prejudiciais a médio e a longo prazo em termos de segurança e coesão social e assume-se como reforço da «narrativa jihadista».

A difusão de um entendimento moderado da religião islâmica é um dos instrumentos para o combate à «narrativa jihadista» e deve ser levado em linha de conta em políticas de contra-radicalização e em programas de desradicalização. Além disso, advoga-se a criação de doutrina (livro branco da União Europeia) para um conhecimento mais aprofundado sobre o fenómeno do recrutamento e radicalização no extremismo islâmico.

Finalmente, Portugal é um exemplo de uma comunidade islâmica moderada e resistente à ideologia do islamismo, podendo desempenhar um papel importante num contexto de contra-radicalização (sendo este, um bem imaterial a preservar) – mas não está imune ao terrorismo jihadista.

Bibliografia

- AIVD «General and Security Service» (2004), From Dawa to Jihad, The Various Threats From Radical Islam to the Democratic Legal Order, <http://www.fas.org/irp/world/netherlands/Dawa.pdf>, data de acesso em 23 de Maio de 2006;
- (2009), Annual Report 2008, <http://www.fas.org/irp/world/aivd-2008.pdf>, data de acesso em 24 de Julho de 2010;
- (2011), Annual Report 2010, <https://www.aivd.nl/english/publications-press/@2664/aivd-annual-report>, data de acesso em 24 de Agosto de 2011;
- Alexiev, Alexis (2005), Tablighi Jamaat: Jihad's Stealthy Legions, Middle East Quarterly. <http://www.meforum.org/686/tablighi-jamaat-jihads-stealthy-legions>, data de acesso em 15 de Julho de 2008;
- Baran, Zeyno (Coord.),(2010), The Other Muslims: Moderate and Secular, Palgrave Macmillan;
- Emmet Tuohy, (2011), Citizen Islam, the Future of Muslim Integration in the West, New York, Continuum;
- Boucek, Christopher (2008), Saudi Arabia's "Soft" Counterterrorism Strategy: Prevention, Rehabilitation, and Aftercare, Carnegie Endowment for International Peace, http://carnegieendowment.org/files/cp97_boucek_saudi_final.pdf, data de acesso em 10 de Abril de 2010;
- Brooks, Risa. A.(2011), «Muslim "Homegrown" Terrorism in the United States. How Serious is the Threat?» International Security 36, no. 2, disponível em <http://belfercenter.ksg.harvard.edu/files/Muslim%20Homegrown%20Terrorism%20in%20the%20United%20States.pdf>, data de acesso em 12 de Março de 2012;
- Carrilho, Luis Miguel Ribeiro (2007), Doutrina Tática e Estratégica na Gestão da Actividade Operacional: A Segurança Pessoal, Revista Segurança e Defesa n.º 4 Agosto/Outubro;
- El-Said, Hamed (2012), De-Radicalising Islamists: Programmes and Their Impact in Muslim Majority States, The International Centre for the Study of Radicalization and Political Violence (ICSR), <http://www.icsr.info/publications/papers/1328200569ElSaidDeradicalisation.pdf>, data de acesso em 22 de Fevereiro de 2012;
- Europol (2009), EU Terrorism Situation and Trend Report 2008, http://www.europol.europa.eu/publications/EU_Terrorism_Situation_and_Trend_Report_TE-SAT/TESAT2008.pdf, data de acesso em 28 de Novembro de 2009;
- (2010), EU Terrorism Situation and Trend Report 2009, http://www.europol.europa.eu/publications/EU_Terrorism_Situation_and_Trend_Report_TE-SAT/TESAT2009.pdf, data de acesso em 6 de Junho de 2010;
- (2011), EU Terrorism Situation and Trend Report 2010, http://www.europol.europa.eu/publications/EU_Terrorism_Situation_and_Trend_Report_TE-SAT/TESAT2010.pdf, data de acesso em 9 de Maio de 2011;
- (2012), EU Terrorism Situation and Trend Report 2011, <https://www.europol.europa.eu/sites/default/files/publications/europoltsat.pdf>, data de acesso em 2 de Maio de 2012;
- Gonçalves, Francisco Jorge (2010), As Novas Dimensões de Recrutamento do Terrorismo Jihadista: o Sistema de Consciência e de Auto-Recrutamento, Revista Segurança e Defesa n.º 13 Março/Junho;
- (2011), O Islamismo Radical e as Suas Ameaças Não Violentas, Estratégia, Coordenação de Adriano Moreira e Pinto Ramalho, Volume XIX, Instituto Português de Conjuntura Estratégica;
- (2011), A Internet como Meio de Difusão do Radicalismo Islâmico, Nação e Defesa n.º 128, O Mar no Espaço da CPLP;
- (2011), O Islamismo Radical e o Combate às suas Ameaças: da Dawa à Jihad, Loures, Diário de Bordo Editores;
- Hamm, Mark (2007), Terrorist Recruitment in American Correctional Institutions: An Exploratory Study of Non-Traditional Faith Groups, <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/220957.pdf>, data de acesso de 11 de Janeiro de 2010;
- Husband, Mark (2010) Radicalization and Recruitment in Europe. The UK Case, in Ranstorp, Magnus (2010) (Coord.), Understanding Violent Radicalisation: Terrorist and Jihadist Movements in Europe, Routledge;

Nawaz, Maajid (2010), Extra: What is the Narrative? CBS 60 Minutes, 25 April of 2010, <http://www.cbsnews.com/video/watch/?id=6430899n&tag=contentMain;contentBody>, data de acesso em 12 de Fevereiro de 2011;

Nesser, Petter (2005), The Slaying of the Dutch Filmmaker – Religiously Motivated Violence or Islamist Terrorism in the Name of Global Jihad? Norwegian Defense Research Establishment, 2 de Fevereiro de 2005, disponível em <http://rapporter.ffi.no/rapporter/2005/00376.pdf>, data de acesso em 17 de Agosto de 2008;

(2010) Joining Jihadi Terrorist Cells in Europe. Exploring Motivational Aspects of Recruitment and Radicalization, in Magnus Ranstorp (2010) (Coord.), Understanding Violent Radicalisation: Terrorist and Jihadist Movements in Europe, Routledge.

Quilliam Foundation (2012), Quilliam Responds to Abu Qatada Situation, <http://www.quilliamfoundation.org/component/content/article/61-press-releases/905>, data de acesso em 7 de Fevereiro de 2012;

Ranstorp, Magnus (Coord) (2010), Understanding Violent Radicalisation: Terrorist and Jihadist Movements in Europe. Routledge;

Reinares, Fernando (2009), A Case Study of the January 2008 Suicide Bomb Plot in Barcelona, in CTC Sentinel «Combating Terrorism Centre in West Point» (2009), Volume 2, Issue 1, <http://www.ctc.usma.edu/wp-content/uploads/2010/07/CTCSentinel-Vol2Iss1.pdf>, data de acesso em 10 de Março de 2010;

Sageman, Marc (2004), Understanding Terror Networks, Philadelphia, University of Pennsylvania Press;

(2008), Leaderless Jihad: Terror Networks in the Twenty-First Century, University of Pennsylvania Press;

Sedwick, Mark (2010), The Concept of Radicalization as a Source of Confusion, Terrorism and Political Violence 22, n.º 4, Taylor and Francis, Routledge;

Silber, Mitchell D., Bhatt, Arvin (2007), Radicalization in the West: The Homegrown Threat, New York Police Department, http://www.nypdshield.org/public/SiteFiles/documents/NYPD_Report-Radicalization_in_the_West.pdf, data de acesso em 27 de Julho de 2008;

Shore, Zachary (2007), Criando Bin Ladens. A América, O Islão e o Futuro da Europa. Lisboa: Editorial Bizâncio;

Vidino, Lorenzo (2010), Countering Radicalization in America. Lessons from Europe. United States Institute of Peace, Special Report n.º 262, November. http://www.usip.org/files/resources/SR262%20-%20Countering_Radicalization_in_America.pdf, data de Acesso, 15 de Maio de 2011;

(2011), Linkage and Diversity. Current Trends in Terrorism in Europe, National Defense Research Institute (RAND). http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/occasional_papers/2011/RAND_OP333.pdf, data de acesso em 12 de Julho de 2011;

Wiktorowicz, Quintan (2005), Radical Islam Rising: Muslim Extremism in the West, Oxford, Rowman & Littlefield Publishers.

[1] O presente artigo é uma versão alargada do publicado na revista Segurança e Defesa n.º 22 (60 a 69) Julho a Outubro de 2012.

[2] Doutorando/Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais: Segurança e Defesa no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Licenciado em Direito e em História.

Foi Oficial do Exército Português (sempre colocado no Gabinete do Comandante da Logística) entre 28 de setembro de 1998 a 6 de janeiro de 2008. Presentemente, é Técnico Superior a desempenhar funções na Direção-Geral dos Serviços Prisionais. Autor do livro: «O Islamismo Radical e o Combate às suas Ameaças: da Dawa à Jihad», Loures, Diário de Bordo Editores, 2011.

[3] Veja-se a introdução à extensa literatura sobre o processo de radicalização feito por Ranstorp (2010, 1 a 18).

[4] Verificam-se dois pressupostos essenciais nesta ideologia: a instauração do Estado Islâmico, no qual se inclui, ou não, a implementação do califado como órgão político principal, bem como a aplicação da Xária – sendo este tipo de Estado qualificado como totalitário. Efetivamente, apenas os homens islâmicos considerados puros exercem a totalidade dos direitos de cidadania e no qual a legitimidade não assenta na soberania popular, mas na revelação divina. No fundo, o objetivo visa manter a sua interpretação do islão como centro do poder.

[5] A título de exemplo, Nesser (2010, 91 a 94) identifica quatro tipologias de indivíduos no que tange ao funcionamento de células *iihadistas*: os empreendedores: os proteoidos: os inadaptados e os deslocados.

[6] Denomina-se «os emigrantes» e foi fundado por Omar Bakri em 1983. Apesar de ser considerado um grupo islamita não violento, o certo é que pretendia implementar um Estado Islâmico em qualquer território onde os muçulmanos residissem, bem como apregoava o uso da violência em diversas partes do mundo. De resto, diversos membros ligados a este grupo perpetraram actos terroristas, salientando-se o exemplo de Asif Hanif, que em 29 de Abril de 2003 detonou uma bomba num café em Telavive (Israel), tendo morto três pessoas e ferido mais de 60 (Wiktorowicz, 2005).

[7] O quadro conceptual foi criado tendo por base a seguinte amostragem: célula de Madrid; célula de Hofstad, célula de Melbourne (liderado pelo Sheik Abdul Benbrika, e desmantelada pela operação Pendennis em novembro de 2005) e a célula de Toronto, composta por 18 indivíduos e desmantelada em junho de 2006 (Silber, Bhatt, 2007, 21 a 44).

[8] Originalmente, Sageman (2004, 185 a 189) desenvolveu o seu quadro conceptual com base numa amostragem de 172 biografias de terroristas. O presente modelo é quase idêntico ao anterior com a exceção da 4.ª etapa, em que o autor dá uma grande ênfase à mobilização pelas redes (Sageman, 2008, 71 a 88).

[9] Brooks (2011, 28 a 29) vem sustentar que a radicalização dos cidadãos americanos que professam a religião islâmica não está a aumentar, tendo para o efeito construído um quadro de eventos para comprovar esta alegação.

[10] As novas formas de recrutamento no terrorismo *jihadista* já tinham sido abordadas num anterior artigo do autor na revista Segurança e Defesa (Gonçalves, 2010).

[11] Na verdade, dos 170 detidos em 2010 ligados ao terrorismo *jihadista*, apenas 20% estavam ligados a organizações terroristas conhecidas (Europol, 2011, 16). Ora, em 2011, dos 122 detidos, apenas 50% estavam ligados a organizações terroristas conhecidas (Europol, 2012, 16).

[12] É preciso frisar que, no relatório relativo ao ano de 2009 da Europol (2010,9) a esmagadora maioria dos atentados e dos indivíduos detidos estavam associados ao terrorismo separatista (França, Espanha e Irlanda do Norte). De resto, mesmo na Irlanda do Norte, apesar do processo de paz, continuam a actuar grupos dissidentes do IRA, como o RIRA (Real IRA) e o CIRA (Continuity IRA).

[13] Vidino criou uma base de dados relativos a indivíduos ou células *jihadistas* a operar na Europa (cobrindo o período temporal entre 1 de janeiro de 2006 a 31 de dezembro de 2010) e salientou que 70% eram células autónomas sem conexões com organizações terroristas *jihadistas* conhecidas.

[14] Sobre o fenómeno do radicalismo islâmico na internet *vide* Gonçalves (2011b, 245 a 263).

[15] Para uma leitura bastante pormenorizada sobre as origens e motivações de todos os membros do Jam'iyyat Ul-Islam Is-Saheeh (JIS), *vide* Mark Hamm (2007, 39 a 53).

[16] Após a deportação de Omar Bakri, diversos líderes de grupos islamitas não violentos a residirem na Grã-Bretanha pugnaram pela «quebra da convenção de segurança». A título de exemplo, Abu Izzadeen, foi um dos promotores desta ideia, até que em 2008 foi condenado pelo crime de obtenção de fundos para atos terroristas e por incentivar o terrorismo (Husband, 2010, 119).

[17] Sobre as ameaças não violentas ver Gonçalves (2011a, 87 a 105).

[18] Está detido desde 2004, tendo sido condenado em 2006 a uma pena de 7 anos. Entretanto, não foi libertado, porquanto está pendente um pedido de extradição para os EUA. Apesar de ter recorrido para o Tribunal Europeu dos Direitos dos Homem, aquele tribunal, por sua decisão de 10 de abril de 2012, indeferiu o seu pedido.

[19] Sobre o «modus operandi» deste grupo islamita não violento consultar Gonçalves (2011c, 65 a 69).

[20] <http://www.quilliamfoundation.org>.

[21] Para uma análise pormenorizada sobre o programa de desradicalização da Arábia Saudita ver Hamed (2012, 35 a 40).

[22] A Xária (que significa «o caminho») corresponde à designação do Direito islâmico, estando suportada em quatro fontes: o Corão, as tradições do profeta *suna/ahadith*, a *ijima* (consenso) e por fim as *quiyayas* (analogia). Sobre o seu verdadeiro significado e âmbito *Vide* Gonçalves (2011c, 147 a 155).

[23] http://www.comunidadeislamica.pt/02-Com_Islamica.php?nivel_1=2.

[24] Urge salientar que a mesquita El-Tahweed em Amesterdão vendeu o livro "À Maneira dos Muçulmanos" que, entre outras ideias radicais e violentas, defendia a defenestração de homossexuais. Anteriormente até vendera um livro que pugnava pela circuncisão genital feminina – e pelo espancamento das mulheres, Shore (2007, 102).

[25] Anteriormente, em 13 de Novembro de 1979, ocorreu o atentado ao embaixador de Israel em Lisboa, do qual resultou um morte e três feridos (incluindo o embaixador). Decorrente deste atentado, a PSP criou unidades específicas para este tipo de ameaças Carrilho (2007)

específicas para este tipo de ameaças. Samir (2007).

[26] Sobre as ameaças que o Tablighi Jaamat representa ver Alexis (2005) e Gonçalves (2011c, 72 a 75).

[27] Sobre a célula de Barcelona, ver Reinares (2009, 5 a 7) e Aivd (2009, 23).

Documento impresso do site jornaldefesa.com.pt em 2012/9/27